

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15396 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Arte, Educação, Linguagens e Tecnologias

BROTOS BIOVEGETAIS DE UM CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Monica Silva Aikawa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

BROTOS BIOVEGETAIS DE UM CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo: Triste e desolada, a criança não pode brincar, correr, falar, olhar em sua volta, suas raízes são podadas e o tronco entortado. Despotencializadas, sem vida ou força de expressão nas escolas de primeira infância. Molda-se um infante-bonsai nos limites da adultez. Nesta escrita tematizamos Corpo Infância Biovegetal e objetiva-se registrar brotos biovegetais de um corpo infância de Educação Infantil no viés da Filosofia da diferença. Com isso, a investigação se movimenta com estudos acerca dessa filosofia e envolve pesquisa bibliográfica sobre infância em pesquisadores nessa perspectiva. Hastes, galhos, brotos seguem como funcionamento da escrita em composição com estudiosos da diferença, resultando momentaneamente em: infância fala de si em rizoma, se constitui em biovegetais de um corpo na educação infantil, na vida, em sua existência.

Palavras-chave: Infância(s), Filosofia da diferença, Educação infantil.

Haste-Introdução

Diriam os biólogos que erva daninha é agressora, praga nas plantações, nos jardins, que surge inapropriadamente e precisa ser eliminada. Em diversos espaços-tempo da vida - Ciência, Educação, Religião-, o ser humano possui necessidade de domínio sobre coisas, terras, plantas, bichos, pessoas, corpos. Tratados, métodos, esquadros do que podem ou não, como podem e o que devem, quando, o quê e quem deve. Assim, erva daninha rompe domínios, é vida e conceito nesse solo formativo.

Em Educação Infantil não seria diferente, a criança vem sendo remodelada em função do mercado, do sistema econômico do capital, da sociedade do consumo, para servi-los. Tal como um bonsai precisa observar-se “a poda das raízes, pois a árvore não pode crescer; a poda dos galhos para que a árvore fique do jeito que queremos e não do jeito que ela quer; e o entortamento do tronco, por meio de arames” (Alves, 2000, p. 63). Assim, sob a temática Corpo Infância Biovegetal, objetiva-se registrar brotos biovegetais de um corpo infância de Educação Infantil no viés da Filosofia da diferença.

Por vezes, não se reflete na intensa dinâmica das escolas de primeira infância, onde comparações de resultados entre escolas, professores e redes de ensino demandam ações educativas, em certo ponto forçando a antecipação da alfabetização em turmas de pré-escola. Com Rubem Alves (2000, p.54) vemos os artifícios de psicologias e didáticas na fabricação da aprendizagem mais eficiente: “mais sucesso na transformação do corpo infantil brincante no corpo adulto produtor”.

Vemos a educação não restrita à alfabetização, letramento matemático, científico ou outras curricularizações, pois "educação não é a transferência de conhecimento", (Ingold,

2020, p.10), a educação tem mais proximidade à atenção à vida, com vista à sua afirmação e expressão.

Ingold, problematiza a educação, destacando-a como responsável pelos conhecimentos a serem ensinados, assim como pelo cuidado com as crianças desde seu ingresso na escolarização. Por isso, questiona a prática escolar que conduz condutas, principalmente a pedagogia do teatro de marionetes, na qual a mestra-razão manipula a corda dos infantes-marionetes (Ingold, 2022).

Essa inflexão motivou a pesquisa em andamento com foco nas expressões infantis, uma vez que “‘A razão’ [...] nunca descobre, embaixo de seus pés, qualquer coisa além de seus próprios ditames” (Ingold, 2022, p. 34). Esses ditames da razão têm procedimentos rígidos, modelos fechados e esquemas pré-definidos. Trataremos desse corpo infância, a criança de primeira infância enquadrada, triste e desolada; que com os ditames, não brinca, corre, fala, olha a sua volta, com raízes podadas e tronco entortado. Com os ditames não há vida, nem força de expressão, há um infante-bonsai, infante-marionete dentro dos limites do permitido pela adultez.

Metodologia vegetal

Assim, a investigação se movimenta em estudos com a Filosofia da diferença e envolve pesquisa bibliográfica de conceitos de infância em pesquisadores na perspectiva. Alinha-se com a Filosofia da diferença, pois se entende como um viés teórico-metodológica que desterritorializa conceitos pré-estabelecidos em outras perspectivas e os (re)constitui ou mesmo (des)constitui. Seguimos em construção do fundamento desta metodologia vegetal inventada com Deleuze e Guattari, especialmente.

Por um biovegetal infante

Não nos ateremos à infância enquanto etapa de desenvolvimento, nem enquanto futuro da nação, vir-a-ser ou como bonsai e na introdução Ingold e Alves nos fornecem trilhas de como se pretende olhá-la nesse lugar biovegetal infante. Assim como eles, Corazza (2002) nos movimenta a pensar e diz a infância como uma ficção-prática, inventada por um ser carente de imortalidade e nela projetamos o prolongamento de nossa existência adulta, de uma vida futura. Destaca ainda que a infância segue ilusionada na escola como infância científica, psicológica, política, social e ainda, unívoca, natural... uma infância-ilusão que desilude.

Com Alves (2000), vemos a infância inútil e relembra que em outros tempos a inutilidade era marcada por virtude teologal, tempo em que coisas úteis como as que podem ser usadas são meio para fins exteriores a si e as coisas inúteis são usufruídas, não são meio para nada, possuem fim em si mesmas. A infância inútil emerge como forma de resistência às escolas em que “‘A criança que brinca é nada mais que um meio para o adulto que produz” (p. 54).

Deleuze e Guattari (1997) irrigam o terreno com o devir criança tal como desterritorialização constante. Infância poderia então constituir-se em um conceito sempre em mudança, criação, transformação, assim a teremos como erva daninha, experiência, acontecimento, linha de fuga nas frestas da adultez, da criança moderna. Crianças que “param de ser sujeitos para se tornarem acontecimentos em agenciamentos” (p.43), criança em produção molecular.

Em folhas de Barros (2003) há a infância inventada, que a partir de sua des-memória infante, ou blocos de infância para Deleuze e Guattari (1997), (re)inventa-se um idoso infante. Poetiza conceitos de uma infância inventada que pode significar uma infância alegre na intensidade da vida que em meio à invenção e o encontro se reconecta.

Brotando rizoma de galho

“Existem estruturas de árvore ou raízes de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma” (Deleuze; Guattari, 2011, p.33). E a infância ilusória estruturada na escolarização, ainda que a infância seja indefinível por nós adultos/os, pensar outras ideias de infância ou infância(s), nos exercita em meio à pesquisa doutoral e à docência.

O realce oferecido à perspectiva filosófica da diferença como apoio epistemológico tem mais proximidade com a mobilização de modos outros de ver a(s) infância(s), uma mais próxima de olhares infantes que adultos, em olhares biovegetais.

Brevemente com Alves, Ingold, Deleuze e Guattari, Corazza e Barros afofamos o terreno curricular da Educação Infantil, pois movimentar a terra ajuda a arejar as ideias, especialmente as pedagógicas com as infâncias. E nessa composição temos que a infância fala de si pelas raízes, galhos e brotos em rizoma, se constitui em biovegetais de um corpo na educação infantil, na vida, em sua existência, de modo a reinventar-se.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**: O fim dos vestibulares. Campinas: Papirus, 2000.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. A infância. São Paulo: Record, 2003

CORAZZA, Sandra Mara. Des-ilusão tem futuro?: artistagem da infância.. In: **Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**, 4., São Paulo, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 4. São Paulo: Ed. 54, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.